

Pesquisa e Escrita

*Juliano Reis Siqueira*¹

¹ julianoescultura@yahoo.com.br

Resumo

Este trabalho, realizado na disciplina Seminário de Pesquisa I¹, apresenta reflexões referentes à escrita de uma tese de doutorado, articulando as contribuições de Miklos (2011), Freitas (2006), Alves-Mazzotti (2006) e Duras (1994). A partir das discussões em aula e dos textos busca-se pensar a elaboração da tese como um processo de criação, que investiga aquilo que nos fascina e tem a ver conosco, para se chegar além do que somos. O caminho depende de onde queremos chegar.

Palavras-chave: investigação; escrita; criação.

ISSN: 2175-2346

1 Disciplina do Programa de pós-graduação em artes visuais – PPGAV – CENTRO DE ARTES - UDESC.

No campo das Artes Visuais investigação pode apresentar diferentes significados. A pesquisa em Arte refere-se à criação visual/plástica realizada pelos artistas; este tipo de investigação é artística; não necessariamente científica, diferente da pesquisa sobre arte (Teoria e Crítica) que pode apresentar-se como filosófica (Estética) e científica (História da Arte e Crítica de Arte).

Diferente da ciência moderna as investigações em arte e filosofia não objetivam a busca da verdade, mas a criação de perceptos, afectos e conceitos¹, que se aproximam mais da criação literária e da ficção. Todavia a ciência e tecnologia se impõem como o modelo padrão, em todos os âmbitos da vida; neste contexto a universidade, suposto espaço do livre pensar, se adapta padronizando e regulamentando o método científico como formato para todos os tipos de pesquisa, desconsidera-se desta forma as especificidades dos campos artístico e filosófico, em nome da busca da verdade científica. As investigações em Teoria e Crítica e Educação das Artes Visuais podem articular-se com o modelo científico, todavia mesmo nestas áreas percebe-se o interesse crescente em metodologias baseadas nas linguagens artísticas (Pesquisas Baseadas em Arte).

a)A arte zen e o caminho do vazio: uma investigação sobre o conceito de não-eu na criação em arte

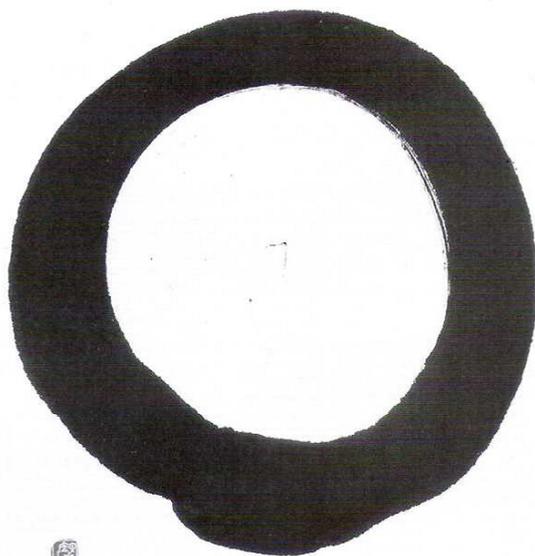
O objetivo do estudo apresentado na dissertação de Cláudio Miklos (2011) é tecer paralelos entre a experiência Zen de transpessoalidade (mente do não-eu) e a criação em arte. A investigação apresenta os conceitos estéticos de Arte Zen e suas relações com intervenções e performances contemporâneas, aproximando linguagens artísticas do oriente e ocidente. O caminho metodológico se dá através de uma conexão das práticas zen com as práticas artísticas, com o intuito de entender a realidade como experiência direta.

Miklos aproxima conceitos da estética Wabi-Sabi com os conceitos de Vazio e de Arte como experiência (Dewey, 2012) destacando a intensa relação entre arte e vida, considera que a experiência direta está baseada na ação consciente. Arte e Vida compartilham as mesmas características e estão presentes uma na outra, numa prática de arte consciente, onde se supera os condicionamentos de uma mente egóica, presa na ilusão da separação e compreende-se o não-eu, essência da liberdade mental.

O artista, ao se expressar imbuído da mente do não-eu, torna-se parte de uma ação viva, fluida e natural, a prática artística assume um papel contemplativo, como uma forma de meditação. A arte manifesta-se através da energia do não-eu. As artes zen e contemporânea possibilitam que a mente condicionada e insensível vivencie um salto de consciência e uma integração com todo o universo.

1 Em o "Abecedário de Gilles Deleuze", série de entrevistas feita por Claire Parnet; filmada nos anos 1988-1989.

得空圓：空



TERAYAMA, Tanchu. Enso (círculo do Vazio zen). 77X61cm.

b) Relações da dissertação com aspectos da Pesquisa

Os documentos a serem analisados para elaboração da tese, assim como a dissertação apresentada (Cláudio Miklos, 2011) abordam a experiência estética nos processos de criação em artes visuais, com ênfase na linguagem da pintura. Ambos os trabalhos tem como referência o conceito de *experiência* de Dewey (2012), que desenvolveu a concepção de educação como desenvolvimento de potencialidades.

Outros pontos em comum são os conceitos orientais de *cultivo, ação sem intenção, gesto sem esforço, criação destituída de propósito*. Quando não se preocupa com o resultado da ação, dando atenção à ação em si, o resultado surgirá espontaneamente. O desapego ao resultado da ação é chamado Karma Yoga no Bhagavad Gita. Em ambas as investigações há o interesse em perceber as contribuições da cultura oriental no processo de criação em artes visuais. Considera-se uma aproximação do "conceito" de experiência estética de Dewey com a experiência de transpessoalidade do zen, onde em ambas o sujeito e objeto desaparecem no ato da percepção singular.

c) Interlocuções

1.A bússola do escrever

Viver a tese é preciso

Viver a tese é uma arte. Freitas (2006) aborda a natureza do trabalho acadêmico e as exigências monumentais que se apresentam na elaboração da tese. Os fazedores de tese partilham do mesmo código, do mesmo inferno imaginário, da mesma chatice e esquisitice. Inspiração é a capacidade de reter e ampliar com um toque próprio um insight. Boa parte da inspiração é capacidade de atenção e auto-disciplina, para que o barro se transforme em casa. Sairemos da tese melhores que quando entramos para emprestarmos nossa paciência aos 'chatos', sabendo que também fomos assim. A docência em artes visuais envolve a disponibilidade para ouvir e estimular processos de criação.

A Revisão de Bibliografia

Alves Mazzotti (2006) apresenta a revisão de bibliografia como um dos aspectos mais fracos em teses em Educação. Isto compromete todo o estudo, uma vez que a revisão bibliográfica está a serviço do problema de pesquisa. Destaca-se a importância do levantamento de contribuições anteriores dadas ao estudo do tema. Esta familiarização é importante para que mais tarde não se descubra que "a roda já foi inventada". A revisão de literatura extensiva antecede a elaboração do projeto, sendo os portais do CNPq e INEP importantes bases de dados para pesquisadores.

A familiaridade com os estudos da na área, em especial com as fontes primárias, torna o pesquisador capaz de problematizar um tema e contribuir com um estudo que expande o conhecimento na área, ao ajudar a discutir os dados da investigação. Pretende-se na pesquisa ir além da mera descrição e atribuir significados aos dados. Ao abordar o campo da educação na pesquisa não podemos perder de vista a natureza mais ampla do fenômeno educacional e problematizar também qualquer esquema teórico a priori, que deveria emergir da análise dos dados.

Nos tipos de revisão a serem evitados, destaca-se aquela que o autor fala pela boca dos outros, citando ou parafraseando. O estilo adota expressões como para fulano, segundo beltrano, fulano afirma, sem uma análise crítica e sem nenhuma ressignificação.

2. Escrever

Para Duras (1994) é numa casa que estamos sós para cultivar a qualidade da solidão necessária na escrita. Todavia a escrita pode ser levada aonde quer que se vá. Como acessar a escrita sem separar-nos das pessoas que nos rodeiam? Decidir que se deve estar só para criar, a solidão não é encontrada, é construída. A criação pode acontecer em casa, no parque ou em frente ao mar. Nunca se sabe o motivo pelo qual se cria, nem como se cria. Ao saber o que se cria, nos perdemos. Para criar é necessário encarar a imensidão do vazio, o nada. Paradoxalmente, quando estamos perdidos, quando não há mais nada a criar, nada a perder, criamos.

A criação nos resselvageia, nos refortalece. Ao falar demasiado da criação, ao objetificar opiniões, podemos perder o processo de criação. Criar é também não fa-

lar, é calar. É gritar silenciosamente, é ouvir. Estar só com a criação ainda não criada, sem pensamentos, desejos e expectativas. Criar não é fabricar, não é organizar, nem regulamentar. Criar é sair do conforme e mergulhar no silêncio. Não sabemos o que é uma obra de arte, ninguém sabe, mas sabemos quando encontramos uma.

Nunca estamos sós, nos iludimos que somos separados. Quando a ilusão se esvanece, cultivamos a escuta, aceitamos os ruídos e nunca pedimos silêncio. Cultivamos o silêncio no meio do barulho. A criação é uma derrapagem, nos arriscamos, é um acontecimento único de um sentido inacessível e um alcance ilimitado.

Os de 68 eram saudáveis, pois tinham esperança. Inimigos mortais da direita e críticos da esquerda partidária. Não sucumbiram ao Estado, ao Mercado, nem às verdades do Marxismo e da Psicanálise. Extrapolaram as possibilidades de experimentação e inauguraram novos modos de sociabilidade que se desdobram até hoje. Entretanto a direita hoje assume abertamente seu fascismo, exaltando torturadores da ditadura civil-militar e praticando seu golpe de Estado, enquanto isso a esquerda vítima do aparelho de Estado, não enxerga possibilidades fora das vias institucionais.

O trabalho manual do artista é criador, diferente do trabalho da fábrica e dos rigores do patronato capitalista, com suas sanções, ordens, insultos e chefes. As galinhas-chocas dos fascismos de ontem estão cheias de pintinhos hoje. Para o artista a luta é silenciosa. Revolucionário é inventar, engendrar o desconhecido adormecido em nós. A invenção é um salto no abismo. Se soubéssemos o que iríamos inventar, não seria invenção. Não é necessário saber... É só sentir o vento.

A disciplina Seminário de Pesquisa I foi um espaço de encontro de diferentes pontos de vista sobre arte e educação. Discutiu-se a escrita como prática/prática como escrita; a educação do artista, do a-artista; a educação escolar militarizada; a eficácia capitalística em relação à emancipação; construímos diagramas onde foi possível contextualizar as pesquisas em artes visuais com os imbróglis da política atual. Ampliaram-se os campos de possibilidade da pesquisa e exercitou-se uma escrita que busca não só descrever a invenção, mas ser inventiva, intuitiva, para não estacionar na compreensão intelectual das palavras, mas tocar o sentido, de forma que altere a experiência sensorial, pois a compreensão intuitiva é uma experiência direta. As palavras são as notações da vida, escrevemos com palavras, mas podemos ficar presos às notações. A escrita também pode ser uma forma de nos livrar de conceitos arraigados e um veículo para perceber as sutilezas e delicadezas que atravessam a investigação.

Referências bibliográficas

ALVES-MAZZOTI, Alda Judith. A revisão de bibliografia. Em: BIANCHETTI, L. & MACHADO, A. M. N. (orgs.). A bússola do escrever. Florianópolis: Ed. Cortez & Editora da UFSC, 2006.

DEWEY, J. Arte como experiência. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

DURAS, Marguerite. Escrever. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1994.

FREITAS, Maria Ester. Viver a tese é preciso. Em: BIANCHETTI, L. & MACHADO, A. M. N. (orgs.). A bússola do escrever. Florianópolis: Ed. Cortez & Editora da UFSC, 2006.

MAHABHARATA. Bhagavad-Gita. Brasília: The Bhaktivedanta book trust, 2008.

MIKLOS, Claudio. A arte zen e o caminho do vazio: uma investigação sobre o conceito zen-budista de não-eu na criação de arte. Rio de Janeiro: Ed. do Autor, 2011.

(...) tem uma história, que tem página engraçadas, alegres, divertidas e outras